

SUPLEMENTO 78 CULTURAL DE SANTA CATARINA

[ô catarina]



Entrevista

Edla van Steen

Artes visuais

Leticia Cardoso
Rodrigo Cunha

Inéditos

Poemas de Patrícia Hoffmann
Conto de Godofredo de Oliveira Neto
Dramaturgia de Max Reinert
Ensaio de Rodrigo Amboni

Cartas

Li com imenso prazer a edição de n.º 77 do Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina]. Parabens a equipe, sobretudo pela entrevista com João Roberto Faria sobre a publicação *História do Teatro Brasileiro*. João Roberto é hoje, sem dúvida, um dos maiores pesquisadores do tema. A entrevista é esclarecedora e estimula a leitura e o conhecimento sobre o teatro no Brasil. Nessa perspectiva, felicito o jornal pela importante função informativa e, acima de tudo, formativa. Aproveito para parabenizar a Fundação Catarinense de Cultura pela qualidade das últimas edições.

(Níni Beltrame, diretor de teatro, professor e editor da revista Moin-Moin – UDESC, Florianópolis / SC)

Quando um jornal fomenta a cultura, me agrada aos olhos; quando mostra a produção artística catarinense, me anima. Para um estudante como eu, a diversidade da edição de n.º 77 do Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina] enriquece o conhecimento estudado. João Roberto Faria, em sua entrevista, dá uma aula de teatro brasileiro, promovendo e reforçando o conhecimento. Só tenho a elogiar o jornal!

(Paulo Soares, estudante, Florianópolis / SC)

Escrevo a fim de comunicar sobre o recebimento do Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina]. Gostei muito do projeto! Chama a atenção a diagramação, além dos bons textos! Parabéns e obrigado!

(Rafael Alvarenga, escritor e professor de Filosofia, Resende / RJ)

A nova visualidade do Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina], elaborado a partir do número 76, permitiu uma atualização imagética e de conteúdo muito pertinente para os leitores atuais. E, dessa forma, esse periódico vem contribuir de forma significativa para as discussões sobre teatro, cinema, fotografia, artes visuais e literatura catarinense e nacional. Passamos a contar com um material que enriquece nossos diálogos cotidianos, bem como serve de instrumento informativo para os embates acadêmicos, a partir da riqueza dos temas e assuntos ali tratados.

(Vera Collaço, professora e diretora de teatro – UDESC, Florianópolis / SC)

Editorial

O Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina], neste número, oferece ao leitor um passeio pela vida e pela obra da escritora catarinense, radicada em São Paulo, Edla van Steen. Teatro, conto, romance, tradução são apenas algumas das linguagens em que Edla transita constantemente. Mais que artista, ela é uma das mais importantes articuladoras culturais do Brasil. Coordena, na editora Global, coleções de contos, poesia, crônica, entre outros. No ano passado, finalizou a supervisão de um dos maiores panoramas da poesia brasileira, o *Roteiro da Poesia Brasileira*, publicado em quinze volumes, também pela Global. O percurso segue com Silveira de Souza, que traduz, direto do alemão, conto de Franz Kafka; Luiz Horácio, na seção "Afetividades Eletivas", verte para o português a poeta francesa Annie Salager; Max Reinert publica trecho inédito de dramaturgia; Leticia Cardoso e Rodrigo Cunha, artistas visuais contemporâneos, apresentam suas poéticas; a escritora Patrícia Hoffmann, há algum tempo fora da cena poética, reaparece com poemas inéditos exclusivos para este suplemento; Rodrigo Amboni apresenta um recorte sobre o processo de montagem em David Lynch; Godofredo de Oliveira Neto publica conto inédito e Paulo de Toledo propõe um diálogo com Paulo Leminski. Enfim, o leitor tem aqui uma imensa cartografia a ser explorada.

EXPEDIENTE

Governador do Estado de Santa Catarina / João Raimundo Colombo
Vice-governador / Eduardo Pinho Moreira
Secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte / Beto Martins
Presidente / Joceli de Souza
Diretora de Difusão Artística / Mary Garcia
Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural / Andréa Marques Dal Grande
Diretor Administrativo e Financeiro / Silvio Hencke
Consultor Jurídico / Rodrigo Goeldner Capella
Consultor de Projetos Especiais / Marco Anselmo Vasques
Assistente da Presidência / Mônica Silva Prim
Assessora de Comunicação / Marilene Rodrigues Correia
Gerente Operacional / Luciana Lespolier Cardoso Ramos
Gerente de Administração, Finanças e Contabilidade / Aline Monique Bourdot de Souza
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Projetos / Ivan Carlos Schmidt Filho
Gerente de Logística e Eventos Culturais / Marketing / Soraya Fôes Bianchini
Gerente de Patrimônio Cultural / Halley Filipouski
Gerente de Pesquisa e Tombamento / Elizangela Cristina Oliveira
Gerente das Oficinas de Arte / Hassan Felix de Souza
Administradora do Museu de Arte de Santa Catarina / Lygia Helena Roussenq Neves
Administradora do Museu da Imagem e do Som / Cristiane Pedrini Ugolini
Administradora do Museu Histórico de Santa Catarina / Vanessa Borovsky
Administrador da Casa dos Açores Museu Etnográfico / Vitório Fretta Colossi
Administração do Museu Nacional do Mar / Fundação Catarinense de Cultura
Administradora da Casa de Campo do Governador Hercílio Luz / Marilóide da Silva
Administrador do Teatro Álvaro de Carvalho / Osni Cristóvão
Administradora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina / Patrícia Karla Firmino
Administradora do Centro Integrado de Cultura / Iara Rosalina da Silva
Administradora da Escolinha de Arte / Alessandra Ghisi Zapelini
Responsável pela Casa da Alfândega / Edilamar Silvano Silveira
Secretária Executiva do Conselho Estadual de Cultura / Marita Balbi

SUPLEMENTO CULTURAL DE SANTA CATARINA - 78 - [Ô CATARINA]
Terceiro trimestre de 2013

Editor / Marco Vasques
Colaboradores desta edição / Annie Salager, Cláudio Portella, Edla van Steen, Godofredo de Oliveira Neto, Leticia Cardoso, Luiz Horácio, Max Reinert, Patrícia Hoffmann, Paulo de Toledo, Rodrigo Amboni, Rodrigo Cunha, Silveira de Souza
Capa / Desenho de Rodrigo Cunha
Revisoras / Denize Gonzaga e Manuela de Medeiros
Designer Gráfico / Moisés Lavagnoli
Impressão / Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)
Tiragem / 6 mil exemplares

Entre em contato:

Fundação Catarinense de Cultura
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600 – Agronômica – CEP: 88025-202
Florianópolis – Santa Catarina
E-mail / suplementocultural@fcc.sc.gov.br
Fone / (48) 3953-2389
Site / www.fcc.sc.gov.br/ocatarina

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores.



As múltiplas faces da escritora catarinense Edla van Steen

Por Cláudio Portela

Edla van Steen, escritora catarinense, que lançou recentemente o livro *Instantâneos*, de contos curtos, nos fala praticamente de tudo em entrevista exclusiva para o Suplemento Cultural de Santa Catarina [ô catarina]. Do começo da carreira, quando queria ser cantora lírica e escrevia a lápis os livros publicados nos EUA; do primeiro emprego em radiofonização de cartas em Curitiba à sua participação no filme *Na Garganta do Diabo*; de teatro, das peças que escreveu e traduziu; da geração de novos escritores e de escritores mais experimentados; da amiga Lygia Fagundes Telles e das muitas coleções que dirigiu e que dirige; do novo livro; da amizade com Eva Wilma; de televisão, de cinema, dos filhos (que trabalham com cinema) e do marido (o crítico de teatro Sábado Magaldi). Edla é uma escritora generosa com seus pares e já levou a obra de escritores catarinenses, como Luis Delfino, Cruz e Sousa e Lindof Bell, para a coleção *Melhores Poemas*, da editora Global. Aqui, o leitor terá um encontro com as múltiplas faces da incansável Edla van Steen.

Você é a escritora brasileira com mais livros publicados nos Estados Unidos. Mas como tudo começou? Conte-nos como foi o início de sua carreira.

Será que ainda sou a mais publicada? Não sei. Talvez outras tenham publicado também. Fiz muitas experiências antes de me decidir pela literatura. Aprendi canto (eu queria ser cantora lírica), por exemplo. Ser atriz não era a minha praia; aliás, no meu filme com o Khouri, outro escritor era ator: José Mauro Vasconcelos (*Meu pé de laranja lima* foi um sucesso). Ficamos um mês em Foz de Iguaçu. Chovia muito e nós, os escritores, datilografávamos nossos livros. Sempre fui grafomaniaca e não conseguia não escrever. Um detalhe que a nova geração nem imagina seja possível. Eu escrevia a lápis (meus filhos eram pequenos e eu trabalhava à noite), fazia várias versões, daí datilografava, uma, duas, cinco vezes. Como muitos outros autores, aliás. Tive a sorte de fazer um curso de inglês, na Alumni, nos anos de 1960, e de meu professor — David George — ter gostado do que eu escrevia. Ele virou o tradutor dos meus quatro livros publicados nos Estados Unidos. *Instantâneos* é o quinto que ele traduz.

E a atuação no filme *Na Garganta do Diabo* (1960). Como foi participar dele? Você atuou em outros filmes?

Fui a primeira atriz brasileira a ganhar um prêmio em festival internacional de cinema, na Itália. O júri, presidido por Roberto Rossellini, não deu o prêmio para Melhor Filme, instituindo, excepcionalmente, o de Melhor Atriz. Depois ganhei todos os brasileiros. Meu primeiro emprego foi em radiofonização de cartas, que eu escrevia e apresentava, na Rádio Tinguí, de Curitiba. Além desse, fiz um programa que intercalava tangos com poemas que eu escolhia e lia. Logo comecei a trabalhar em jornal. Pensei que eu podia ganhar a vida escrevendo. Que ingenuidade.

E no teatro, você escreveu algumas peças e traduziu outras tantas. Também atuou?



Fiz teatro amador em Curitiba. Gosto muito de traduzir peças. Se você olhar meu currículo, vai ver meus autores prediletos: Ibsen, Tchecov, Strindberg, David Mamet, Kaiser, Molière. Aprende-se muito em tradução. Em geral, as traduções foram encomendadas pelos atores e/ou diretores dos espetáculos. Tive sorte também com a minha primeira peça: *O Último Encontro*. Com ela, ganhei o Prêmio Molière, que na época era o de maior prestígio, e o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), do qual muito me orgulho. As peças *Otto* e *Malas Trocadas* acabam de sair pela Giostri Editora.

A escritora Lygia Fagundes Telles fez noventa anos. Você acompanha a nova geração de escritoras brasileiras? Como encara a expressão “literatura feminina”?

Minha querida amiga Lygia está mais linda do que nunca aos noventa anos. Claro que acompanho o movimento literário em geral, não só o feminino. As coleções *Melhores Contos*, *Melhores Crônicas* e *Melhores Poemas* demonstram isso. E o *Roteiro da Poesia Brasileira*, dirigido por mim, em quinze volumes, levantamento da nossa poesia de 1500 ao ano 2000, é outro atestado. Sou grafomaníaca: não consigo não ler e escrever, e capitalizo o vício publicando livros meus e de outros autores. Sou um ser coletivo. E, sempre que me pedem, consigo editores para os meus muitos amigos.

Você organizou as coletâneas *Viver & Escrever*, nas quais entrevista grandes escritores brasileiros. Como foi entrevistar tantos escritores talentosos? Quais foram as mais marcantes?

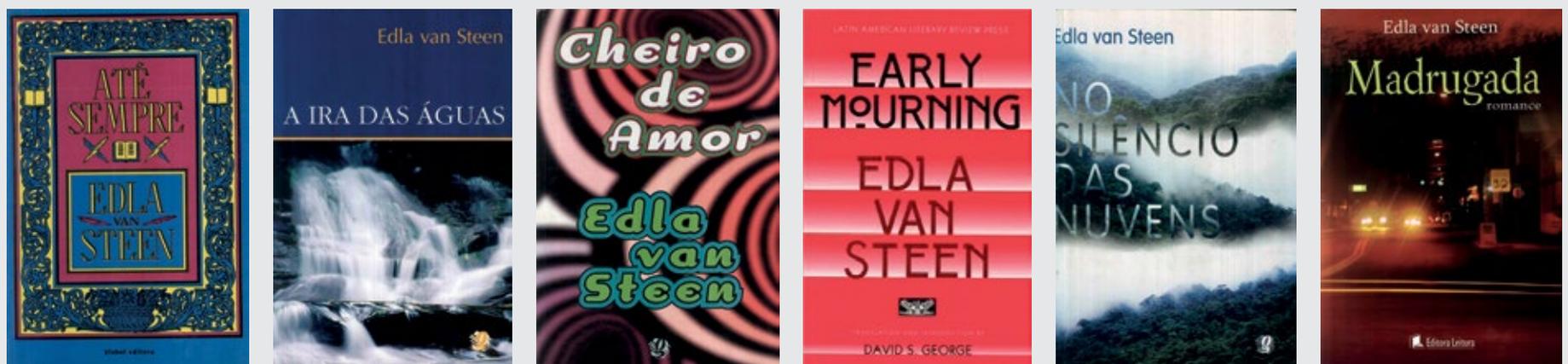
Tive a sorte de conviver com uma gama enorme de autores, não só pela direção das coleções, mas porque sempre li a obra de todos antes das entrevistas, feitas pessoalmente, com um gravador ou com minha Lettera 22: enquanto eles respondiam às perguntas, eu datilografava as respostas. Acho que Menotti Del Picchia, Dyonélio Machado e Nelson Rodrigues me deram suas últimas entrevistas. Poucos dos trinta e nove entrevistados me responderam por escrito: Henriqueta Lisboa, que já estava bem idosa e não podia me receber; Lygia Fagundes Telles, porque ficara viúva e, em meio à dor da perda de Paulo Emílio, quis escrever; Otto Lara Rezende e Décio Pignatari. Osman Lins também foi uma exceção: ele ficou doente; em meio aos nossos encontros, eu ia ao hospital conversar com ele, e depois da sua morte, Julieta de Godoy Ladeira, sua dedicada companheira, terminou-a para mim, procurando respostas já dadas em vários veículos da imprensa. *Viver & Escrever* foi meu trabalho mais difícil e complexo. O que mais me desafiou.

Percebo em seu novo livro *Instantâneos* (2013) uma procura por registrar o instante, como se você tirasse uma fotografia, lapidando o conto até não mais poder. Como ver essa tendência do microconto, que parece ter ganhado força com o twitter? Você acredita mesmo em contos curtíssimos? Ou o que chamamos de microcontos são *flashes* de crônica etc.?

Tenho horror a twitter, facebook, linkedin etc. Meus contos são curtos porque eu não tinha tempo, envolvida que eu estava no *Roteiro da Poesia Brasileira*, além das outras coleções. Foram cinquenta momentos íntimos. Registros que a minha imaginação construiu para as imagens que eu guardei. Também não acho que sejam “flashes de crônica”. Acho que alguns são mais parentes da poesia. São mesmo contos bem curtos. Tentativa de contar histórias com o mínimo de palavras, deixando que o leitor construa o resto.

***Instantâneos* me lembrou muito dos últimos livros do escritor Caio Porfírio Carneiro. Por falar nele, você não acha que uma geração da antiga guarda — digamos assim, de bons escritores que ainda estão em atividade — é tão ignorada pelos editores quanto os novos que não estão na mídia?**

Não conheço esses contos curtos do Caio Porfírio Carneiro. Tentei, inclusive, publicar um volume com seus melhores contos, mas, infelizmente, ele publicou demais e o *website* Estante Virtual está cheio de seus livros. Estou esperando um pouco para voltar a insistir com a editora Global. Quando comecei a coleção, imagine, um dos dez autores da minha lista era Moreira Campos. Que até hoje não saiu. Não me pergunte um motivo: foram muitos. Agora voltei à carga, por intermédio do Nilto



Em entrevista ao Estadão, você fala da falta de garra das editoras em não publicarem quem não está atrelado à mídia e sentencia que há muita gente boa escrevendo. Pode nos citar alguns?

Ah, meu caro, são tantos. A jornalista Malu Furia, por exemplo, enviou textos infanto-juvenis para editoras que nunca nem responderam. Seu delicioso livro *O travesseiro que contava histórias* vai ser publicado agora pela Giostri Editora. Outro romancista sério como Esdras Nascimento também luta para publicar um novo romance, de novecentas páginas; o gaúcho Rubem Mauro Machado tem vários volumes prontos; Marcos Santarrita deixou três ou quatro livros inéditos. No mundo todo há movimentos de autopublicação. Os autores prescindem das editoras e lançam seus livros em impressões digitais, que nada ficam a dever às profissionais, e fazem circular suas obras. Eu aprovo e aplaudo.

Maciel, que me deu o endereço eletrônico de sua neta e estou prestes a conseguir a autorização. Não é impressionante?

Fale-nos de sua amizade com Eva Wilma. Você escreveu a biografia dela, não foi?

A Eva e eu somos amigas há mais de quarenta anos. Ela ainda era casada com o John Herbert. Mas estreitamos nossa amizade depois que eu me casei com o Sábado Magaldi, e ela com o Carlos Zara. Fizemos várias viagens juntas. Fiquei muito feliz quando ela me escolheu para escrever a biografia, que levou três anos para ficar pronta. Um trabalho bom, o de provocar o funcionamento de sua memória e fazer com que ela reconstruísse o trajeto teatral. Ela estava muito triste com a morte do companheiro. Escrevi, inclusive, um roteiro teatral para que ela se despedisse

dele, todas as noites: *Primeira Pessoa*. O espetáculo ficou um ano em cartaz e recebeu o prêmio *Faz Diferença*, de O Globo.

O que você acha que mudou na teledramaturgia brasileira nos últimos anos?

Todos os meus amigos sabem que sou vidrada em televisão (assinei, inclusive, crítica do gênero na revista *Isto É Gente*). As novelas vinham se repetindo demais; os grandes sucessos começaram a ser reescritos... mas as emissoras eram as culpadas, por não acreditarem ou não apostarem em novos autores. Até que surgiu o João Emanuel Carneiro, um talento impressionante. Filho de uma grande poeta, Lélia Coelho Frota, João Emanuel renovou completamente o gênero. Gosto muito, igualmente, de Maria Adelaide Amaral. A minissérie sobre a Dercy Gonçalves foi primorosa. Só lamento que as emissoras de telenovelas não contratem especialistas para cuidar do acabamento final, cortando os erros de português que doem no ouvido do telespectador, tipo “para mim fazer” ou “entre eu e você” ou “entre eu e ele”. Não há ninguém que possa corrigir que é “entre mim e você”? E outros problemas mais. Porém, na técnica, o Brasil é imbatível.

Uma mulher (Rosiska Darcy de Oliveira) foi eleita para a cadeira vaga do poeta Lêdo Ivo na Academia Brasileira de Letras. Você tem muitos amigos lá. Já pensou em se candidatar a uma vaga? Por que não o faz?

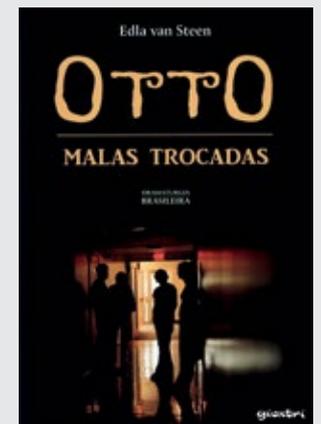
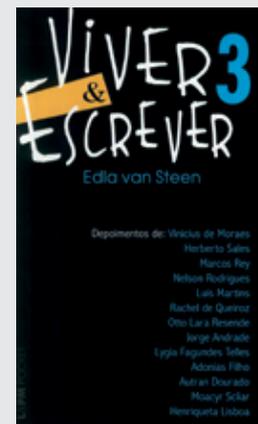
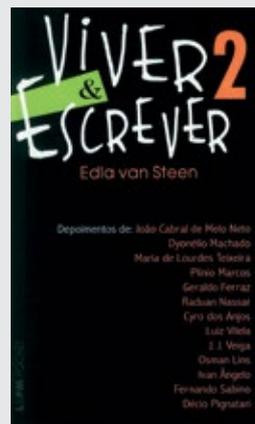
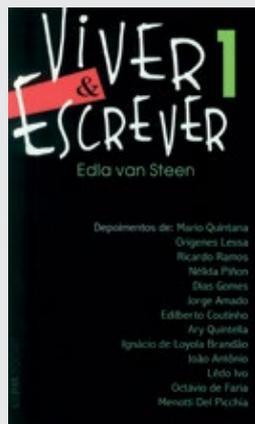
Já convivo com todos, Cláudio. E não tenho espírito para a coisa. As pompas me constroem. Gosto de estar com os acadêmicos que, em geral, são pessoas de ótimo convívio. Mas sou *low profile*... Gosto de escrever e de jogar conversa fora. Vou sentir saudades de Lêdo Ivo, que era um maravilhoso

O que mudou no teatro brasileiro nos últimos anos? Existe mesmo uma carência de textos, especificamente, para o teatro?

O que acaba com o teatro brasileiro é o sistema de patrocínio. Se uma comissão lesse e escolhesse as melhores peças de hoje, e produzisse as montagens, como nos países europeus, veríamos como é rica a dramaturgia brasileira. A Giostri Editora é especializada em publicar peças de teatro; tem perto de trezentas no catálogo. E não se queixa. Vende muito bem suas publicações em sete livrarias que montou em teatros paulistas. Mas tem dificuldades de distribuí-las nas de outros estados.

Você é vidrada em TV. E o cinema, também vê bastante? No caso do cinema brasileiro, você não acha que ele perdeu sua identidade tentando imitar o americano? O que acha do cinema brasileiro atual?

Vejo, pelo menos, um filme por dia. E acho que o cinema do Brasil tem evoluído muito. Meus três filhos são a ele ligados: Ricardo fez *Noel, Poeta da Vila*. Minha filha Anna é profissional competente em maquiagem especial para televisão (*Dercy Gonçalves* e *Dalva & Herivelto*) e para o cinema (*Xingu*, por exemplo, e várias produções internacionais). E Lea é autora de *videoart*. Alguns de seus trabalhos já foram expostos em museus como o Beaubourg, em Paris, Reyna Sofia, em Madri e Arte Moderna, no Líbano. O nosso cinema tem personalidade e está numa excelente fase, com pelo menos uns quinze diretores de inegável qualidade artística. Você não concorda? O que está faltando mesmo no cinema é um agente que escolha livros, argumentos e/ou roteiros (tenho quatro escritos, baseados nos meus romances, contos ou peças). A literatura brasileira está cheia de livros que dariam filmes maravilhosos.



contador de histórias literárias. Fomos muito próximos. Aliás, estamos no Rio; Sábado quis vir para a homenagem ao seu companheiro. Ontem foram depositadas as cinzas no mausoléu, e houve uma excelente mesa-redonda na ABL.

Qual é o gênero literário que mais lhe dá prazer em escrever e por quê?

Transito entre o conto, o romance e as peças de teatro, mas não sei escrever poemas, nem crônicas, apesar de ser leitora assídua dos gêneros. Daí a direção das coleções da Global. Às vezes o que eu quero contar já nasce em diálogo. E a peça então vai tomando forma. Já aconteceu de eu reescrever uma peça em forma de conto longo ou novela. São experiências literárias distintas, mas que se prestam para o desenvolvimento de uma história ou situação.

Seu marido, o crítico de teatro Sábado Magaldi, passou por problemas de saúde. Como está ele agora?

Meu marido está muito bem. É evidente que tem problemas como qualquer pessoa com a idade dele (oitenta e seis anos). As dificuldades são as normais. Não foi receber o prêmio da APCA este ano, porque a data de entrega e o horário coincidiram com o lançamento do meu *Instantâneos*, no Rio. No momento, estou reunindo as críticas do Sábado, de 1966 a 1988, com o auxílio do prof. José Eduardo Vendramini, que era seu colega na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Um trabalho e tanto para ele e para nós.

(Cláudio Portella é escritor, poeta, crítico literário e jornalista cultural, *Fortaleza / CE*)



Desmascaramento de um Embusteiro

Tradução de Franz Kafka por Silveira de Souza

Finalmente, por volta das dez horas da noite, ao lado de um indivíduo já antes conhecido só de passagem, mas que desta vez de novo se apegava a mim de modo inesperado, fazendo-me dar voltas pelas ruas durante duas horas, cheguei à frente da casa senhorial onde aconteceria uma recepção para a qual eu havia sido convidado.

“Muito bem!”, disse eu, e bati ruidosamente as mãos espalmadas como sinal de inquestionável necessidade de uma despedida. Ensaiei antes outras tentativas sem o menor êxito e me sentia neste momento bastante cansado.

“Vai subir aí agora?”, perguntou ele. Ouvia-se em sua boca um ruído semelhante ao de dentes que se entrechocavam.

“Sim”.

Eu de fato havia sido convidado, já lhe dissera isso. Mas havia sido convidado para subir até lá, onde agora estaria em lugar tão agradável e não para ficar aqui embaixo junto do portão a olhar tudo acima da orelha do acompanhante que estava a minha frente. E além do mais para ficar aqui com ele, sem dizer nada, como se houvésemos decidido permanecer assim estacionados neste lugar. Ao mesmo tempo, as casas da vizinhança pareciam compartilhar desse silêncio, e a escuridão avançava até as estrelas. E os passos de invisíveis transeuntes, cujo percurso não tinha eu o menor desejo de adivinhar; e o vento, que pressionava assobiando permanentemente na esquina do lado oposto; e um gramofone, que cantava por detrás da janela fechada de algum quarto — eles permitiam que se ouvisse esse silêncio, como se fosse propriedade deles desde sempre e para sempre. E o meu acompanhante resignava-se com ele mesmo e — depois de um sorriso — também comigo, estendendo contra uma parede o braço direito levantado e apoiando nele seu rosto, de olhos fechados.

Esse sorriso, entretanto, evitei vê-lo até o fim, pois subitamente a vergonha fez com que me desviasse dele. Reconheci também, só por esse sorriso, que ali estava um embusteiro, nada mais que isso. E eu já estava há meses nesta cidade, julgava conhecer perfeitamente esses impostores: como estendem as mãos, à noite, saindo das vielas, quais proprietários de estalagens, vindos ao nosso encontro; como giram em torno dos quiosques próximos de nós, fazendo uma espécie de jogo de esconde-esconde e também por detrás das colunas, para nos espionarem pelo menos com um olho; como eles de repente oscilam para um lado e outro a nossa frente, nas esquinas, quando estamos ansiosos, desviando-nos para o meio-fio da calçada! No entanto, eu os compreendia muito bem; eles tinham sido meus primeiros conhecidos nas pequenas hospedarias da cidade, e era grato a eles pela primeira oportunidade de percepção de uma persistência que dificilmente poderei abstrair agora dos acontecimentos deste mundo e que começo já a sentir em mim próprio. Como se colavam a alguém com tenacidade, mesmo quando essa pessoa tentava fugir deles, mesmo quando não havia mais nenhuma possibilidade



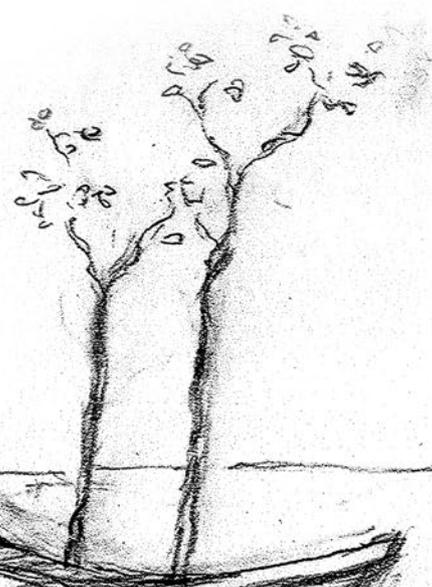
de agarrá-la. Como não se cansavam, como não se deixavam abater, como fixavam em alguém um olhar, ainda que na distância, sempre persuasivo. E os seus métodos eram sempre os mesmos: estacavam a nossa frente, da maneira mais ampla possível; buscavam impedir que nos afastássemos para ir aos locais que nos esforçávamos para ir; preparava-nos para algum lugar em seu próprio peito e, finalmente, quando imaginavam reunir todo o nosso sentimento, consideravam isso como um abraço, ao qual se atiravam com o rosto avançando adiantado.

Mas desta vez só agora reconhecia esses velhos expedientes, a despeito da longa convivência que tive com eles. Esfreguei as pontas dos dedos, umas nas outras, para disfarçar a vergonha.

Meu acompanhante, entretanto, apoiava-se, como antes, à parede, comportando-se sempre como um embusteiro, e a satisfação com seu destino estampava-se no rosto corado e decidido.

“Já te conheço!”, disse eu, e dei-lhe um tapinha no ombro. Depois subi apressado os degraus da escada e os rostos dos criados na antessala, tão sem fundamento na sua lealdade, me alegraram, como uma bela surpresa. Olhei-os a todos, enfileirados, enquanto me retiravam o sobretudo e espanavam a poeira das botas. Então, respirando fundo, entrei na sala com desenvoltura, o corpo bem aprumado.

(Silveira de Souza é contista, Florianópolis / SC)



Tenho tempos de não pertencer.
É sempre no começo do equívoco
quando as desculpas acumulam-se na espera
e solicito-me em retirada.
Tenho tempos de moldar o sal
Limpar o meu quintal
e perceber que os limões amadurecem.
Eles nunca duvidam.

Tempo de reiterar cavernas.
É teu inverno.
As ondas crescem
feito cabelos
que o vento puxa a arrebentar.

O mar austero
sacode teu sono;
insana teus cães anoitecidos.
E teu medo é só a infância de qualquer perigo.

Quando o silêncio é imperfeito
deixa esse mugido extremo nas coisas não ditas.

Se acreditas, agora, na súdita voragem dessa viagem ao contrário,
nada mais te será estranho
apesar do discernimento.
Exceto o manto das rajadas
sobre tua casa.

Golfos de paciência
não revogam caminhos.

Antes do pensamento
tua experiência se arrasta
já sem duelos.

Tu e Deus
nos cata-ventos de Éolo.
Vossas ausências alinhadas.

Sobre a mesa
vasilha de preces
em carne viva
lava as cavilações do meu redor.

Branças distâncias
conduzem mantras para o desabituar dos monstros.

Alma. Rosto. Vigília.
Um rosário de pequenas armadilhas.
Sem pausa.

A casa machucada de arrufos
se acirra nua.
Desrua meus mandamentos.
São os seres do meu tempo.

No entanto,
uma abelha me engrandece
enquanto exerço janelas no peito.

Passada a tormenta
e os navios se foram
com a beleza inexata,
própria dos naufrágios.

Foram-se como peixes
que apenas saltam
para não respirar um pouco
mas depois voltam ao seu lugar essencial.
Só que piores.

Não há sede capaz
de subornar o oceano.

Cada água é um exemplo.

O ar tão falto nesses tempos
que os pulmões se apavoram
com uma determinação de pânico.

Nenhum prenúncio oceânico.
Apenas a respiração
não se aprofunda mais
nos porões do mundo.

Por incerteza ou lonjura,
segreda nos brônquios
o minotauro dos dias;
atura as miniaturas da morte;
Intercepta divisas.

Reduz a natureza do fôlego
em movimentos que antecedem
a falha principal:
o peixe está fora da água.

Como se as ondas tivessem acabado,
mergulho, a princípio,
nas invenções de retorno:
é uma dignidade a menos.
Mas não foi sempre assim.

O contorcer da febre a revidar sinais, palavras e quebrantos.
Essas vozes territoriais
costurando da vida as margens todas.

Corrigindo – às pressas –
beleza e dor e espinha.
E espanto.

As vozes todas iguais.

Possa a manhã de tudo
restabelecer vínculos,
chaves e portas
– abertas para dentro –

Possa a resistência das horas
devolver meus cães a tempo.

E que a noite me guarde feito loba.
Porque o princípio margeia esses muros.
Sem coleira.

Abana o rabo para toda a vida
e já não morde.

Até o fim tem sua infância.

O repouso se fecha
no mais avulso dos dias
para que as ostras elaborem
suas pedras.

Um mar sem pausa
no centro do cansaço considera
que eu me arrependa dos peixes,
de cada espinha fora do lugar;
de cada osso longe do que eu era.

Facultativa é a culpa dos cardumes
quando decidem retornar,
já que o instinto merece
defesa por defesa.

O que não impede a dúvida
da correnteza.

(Patrícia Hoffmann é poeta, São Francisco do Sul / SC)

CAFUZA



A gente sempre foi chamada assim: vem cá, cafuza! Isso me incomodava menos do que as histórias que minha avó contava. “O peludo ficou estrebuchando no picadão, um dos nossos, acho que o Venuto Baiano, ainda voltou e enfiou uma estaca de cerca naquelas partes do machão bandido, estupra-dor”. Ela engrossava a voz nessas horas, convulsionada, a emoção turvava de salgado aquele olhar de súbito amedrontado e algo esperançoso. Uma sensação de vácuo tomava as órbitas, os cílios úmidos seguravam as lágrimas, choro sustado e contido por uma revoltosa, ou fanática, como diziam, orgulhosa e altiva.

Ainda outro dia, a gente festejando a vitória do Obama nos Estados Unidos (aliás, na véspera da minha tragédia), um funcionário da represa me chamou desse mesmo jeito vem cá, cafuza. Ele nem sabia que eu estava ali de passagem visitando parentes. Não era mais – e há muito tempo – moradora da reserva.

Eu pensava que, do ponto de vista humanista, esse tipo de vingança contada pela vovó não levava a nada. E, depois, uma avó não deveria falar essas coisas; vó é para ensinar o bem. Lutei sempre, desde muito cedo, desde a escola primária em Ibirama até o colégio interno em São José dos Pinhais, e, em seguida, no curso de Educação na UFPR – fui da diretoria do Centro Acadêmico da Faculdade, sempre lutei, como estava dizendo, pela justiça social. Militei no sentido de impedir que o mal acontecesse, de forma preventiva. A filosofia da coisa era não ter que punir por falta de saúde, de educação, de comida, de terras. Mais ações preventivas e menos ações punitivas. Sempre foi o meu lema.

Mas que sentia carinho muito forte pela mãe da minha mãe, sentia. Ah, isso sim. Foi ela que me criou desde bebê. Ela estava acima de tudo, por isso os seus relatos mexiam comigo. Eu, quando já mais crescidinha, retrucava, discordava, sugeria, ponderava, ela sempre irredutível: “se eles degolavam crianças da gente, passavam adolescentes na baioneta, esturpavam todas as nossas

mulheres, como não fazer o mesmo? Lá nas bandas do Irani não dava para fraquejar, amolecer, não dava não. Era a espada de imbuia contra o fuzil comblain dos peludos, o tiro na cara dos nossos, a metralha rasgando carne humana de cima até os pés”.

Lembro-me de vovó, nessas narrativas, os olhos redondos negros como as penas da jacupemba, a pele do rosto franzida pelo sofrimento. “Por que a vó não passa a pele do rosto no ferro como nas roupas para ficar mais lisinha?”, ela disse que um dia lhe perguntei. O que corriam agora nas suturas rugosas da face, nas brechas do discurso fragmentado, sustentado pelo desejo de vingança? Projéteis imaginários, balas de aço varejavam o espírito da velha encarquilhada de repente tornada jovem? Vigorosa amante manejando, destra, a espada de madeira dura, arrebatando crânios, furando olhos de soldados oriundos de oceanos diabólicos?

Ela permanecia horas a fio olhando as corredeiras do rio Hercílio, pescava jundiá no covo e cascudos na tarrafa. Se fosse agora não ia poder, no verão vêm os caras fazer o tal de *rafting*; é uma barulheira terrível. Meu povo nunca foi bem visto nem pelos índios nem pela polícia e nem pelas autoridades do município. Quantas vezes ouvi “trouxeram esses cafuzos sobreviventes aqui para a reserva Duque de Caxias, deviam ter matado todos lá no Contestado, agora vêm incomodar os habitantes de José Boiteux”. Vem cá, cafuzo: leva esse saco, cava um buraco aqui, traz a madeira empilhada lá na tifa, vai buscar um balde de água para lavar o chão da cozinha, e por aí vai. Era ordem de todos os lados, todo mundo mandava na gente.

“Para ter alguma chance de ganhar a guerra lá no Contestado – contava vovó, o semblante compenetrado – nosso exército de Dom Sebastião se organizava e estruturava o que seria o nosso país. Na carta de fundação estava previsto até anexar o Uruguai ao contorno da nova pátria. (vovó não usava esses termos e essa forma mais culta; isso eu é que estou dizendo). Alguns propunham denominar o país de “Missões”. Cunhamos moedas com as iniciais GS, de Guerra Santa. Havia uma complexa estratégia militar nas batalhas, os generais e os Pares de França na frente, depois o monge, atrás as virgens inspiradoras. Eu era uma delas. Tinha doze anos, me apaixonei por um dos Pares de França. O rapaz pertencia a esse esquadrão de vinte e quatro cavaleiros, um tipo de tropa particular do monge João Maria. Par, me explicaram depois, era no sentido de igual, não numérico. É que, na França de Carlos Magno, os pares comandados por Rolando formavam doze cavaleiros quase do mesmo nível do rei. O monge me puniu por esse escorregão amoroso. Estávamos em guerra. A emoção não podia vencer a razão. Plantar batata doce, capinar, carnear porco, depenar galinhas, cozinhar, cuidar das feridas dos companheiros. Essa foi a pena. O crime da paixão que acabou por beneficiar a todos. Diziam que um dia por aquelas terras não haveria mais doença nem fome. O nosso exército ia expulsar os grileiros e os peludos enviados pelo diabo”.

Um ligeiro riso acompanhava as descrições de vovó. Um riso coado pela gengiva enegrecida, desguarnecida, um riso abafado. Impossível dizer se era riso de escárnio ou gemidos de saudade. Esfaqueava, ao caprichar nas descrições, espectros se derramando por arroios, catanduvras e faxinais dos campos sagrados do Irani? Despedaçava cabeças surgidas de grotas e lajeados? Vovó, nas horas mais tensas da explanação, levantava, o corpo emurchecido, a cabeça debruçada sobre o peito cavado, os cabelos lisos escassos, os dedos das mãos retorcidos, e andava em círculos balbuciando negra nojenta, sai daqui, referindo-se a si própria. Outras vezes mudava a maldição para sai daqui índia vagabunda. Às vezes caminhava até a beira do rio, murmurando as mesmas imprecações. Mas a atenção maior na voz cava guardava para o vem cá, cafuza.

E agora esses ferros e quatro paredes que acabaram com a minha vida! Um dos chefes da reserva Duque de Caxias não tirava os olhos de mim, e eu já com sessenta e poucos anos, parecia uma loucura. Ele rapaz novo. Eu tinha ido passar alguns dias lá perto da aldeia, na estrada para Ibirama. Como eu já falei, a minha gente tinha sido jogada ali. Para o governo brasileiro, índio, negro, cafuzo, mestiço de qualquer natureza era tudo igual. Primos meus moram até hoje naqueles vales, numa região cercada por russos, alemães, poloneses, italianos, tudo gente muito branca. A minha monografia de final de curso foi sobre esse laboratório natural de Antropologia e Sociologia. Os diferentes e errados, como nós, deviam ficar amontoados, cercados pelos corretos e justos.

(Godofredo de Oliveira Neto é escritor catarinense radicado no Rio de Janeiro / RJ)

Trecho de dramaturgia inédita de Max Reinert

(Palco vazio)

O cenário é um shopping em Pequim, três estudantes atiram em 82 pessoas. Mulheres são o alvo principal, são mais lentas e demoram mais para reagir. O cenário é uma escola no interior do Camboja, um professor de educação física mantém dois jovens em cativeiro durante 7 anos. Um dos presos ajuda a torturar o outro seguidas vezes. O cenário é uma casa isolada no interior de Minas Gerais, um marceneiro experimenta equipamentos de tortura, criados por ele, em pessoas aleatórias que sequestra. Uma das vítimas sublima a dor depois de 72 horas de convivência e se declara para o torturador. O cenário é um posto de gasolina na Pensilvânia, dois ladrões colocam fogo no atendente. Eles queriam ver uma pessoa queimar ao vivo.

Tudo o que você quer é que algo aconteça

A cena toda dura aproximadamente 15 minutos na versão editada e distribuída pelos sites da internet. Era para ter sido usada somente durante o interrogatório, mas o aparente prazer sofrido pela vítima chamou a atenção do mercado negro

Tudo o que você quer é que algo aconteça

Pela câmera é possível ver as reações

O suor A contração muscular A dor

Um espelho tecnológico

que registra para a eternidade

a violência

Tudo o que você quer é que algo aconteça

A dor A contração muscular O suor

Tudo o que você quer é que a câmera registre para a eternidade as reações

Será possível continuar a viver?

Você está com os olhos fechados A única luz que existe é a da tela da TV Você consegue enxergar através das pálpebras Ou será que as pálpebras não existem mais? Você enxerga na tela da TV tudo aquilo que você já foi

Sua pele Seu corpo Seu rosto Seu cérebro

Você emagreceu muito

Você pensa nas 72 horas que se passaram

Ou seriam dias? Semanas

Tudo o que você quer é que algo aconteça

Você sente alguém passando um pano úmido em seu corpo Cuidando da sua pele Seu corpo Seu rosto Seu cérebro

de você

Tudo o que você quer é que essa pessoa não pare

Essa pessoa é aquela

Sua mão foi aquela

O estômago O pulmão Os rins O pâncreas O fígado O apêndice As vísceras

Esse gesto

Já é passado?

Tudo o que você quer é que essa pessoa não pare

Pela câmera é possível ver

as reações agora

Agora!

Já é passado

Ele faz um gesto

Solta sua mãos

Desacorrenta seus pés

Lava seu corpo

Dá de beber

Alimenta

Tudo o que você quer é que essa pessoa não pare Será possível continuar a viver?

Uma porta se abre

O cenário é um quarto de criança. Pai e filho estão se preparando para dormir. Era uma vez uma menina que vivia só. Era uma vez uma vizinha que vivia lhe trazendo doces e bolos de mel. Hoje ela te dá mel, amanhã te dará fel, diz o pai. Case-se com ela. Case-se com ela. Ela é boa, cuida de mim. O pai viajava muito. A vizinha, depois de casada, é óbvia. Não tenho mais o que fazer, a casa está toda limpa. Então vá cuidar da figueira. Um dia, a menina adormeceu. Não conseguiu impedir que os pássaros bicassem as frutas que estavam na árvore. Desgraçada. Que seja enterrada. Que se proclame que fugiu. Foi para o mundo.

O cenário é um quarto de criança. O filho dorme. O pai não. O pai

não

O cenário já é passado

A cena toda dura aproximadamente 15 minutos na versão editada e distribuída pelos sites da internet. Era para ter sido usada somente durante o interrogatório, mas o aparente prazer sofrido pela vítima chamou a atenção do mercado negro

Agora

Escorre

sucessão de imagens aleatórias sem nenhuma lógica clara e objetiva: uma sensação de movimento / mobilidade líquida / erros de digitação / erros de emissão / crescente ânsia / branco / falta de inspiração / ausência de talento / preguiça / anestesia / inércia / fome / dor na mão / in pulso / tudo o que você quer é que algo aconteça / respiração lenta / dor no peito / dor não / ansiedade / um buraco cheio de pus e merda / uma vontade terrível de gritar / uma vontade / nó na garganta / *souvenirs* / imprevistos / palavrastalavrastalavras / subtexto / invencionice / impotência

uma gota pinga de sobre a mesa

Agora

uma gota sobre minha cabeça

escuta

A câmera registra alguém que escuta

uma despedida

uma

um psicólogo me disse Você precisa entender que isso não é você Você precisa entender que isso chama-se transferência Você precisa entender que o conjunto das relações que você estabelece no dia a dia são mais importantes que qualquer coisa que eu possa lhe dizer Você precisa entender que você não está mais lá naquele lugar Você precisa entender que 72 horas não podem definir quem você é Você precisa entender que seu pai sua mãe sua irmã seus sobrinhos seus irmãos seus colegas de trabalho sua esposa seu marido seu namorado sua tia solteira seu poeta sua planta de estimação sua vida seu infortúnio suas chances sua hora chegou Você precisa entender Você precisa descobrir Você precisa encontrar Você precisa criar Você precisa quebrar com essa ideia fechada de que o mundo é O fim Amor escuta Espera Acorda Um psi-

cólogo me disse que você precisa entender qual é o significado destes pensamentos que te perseguem Você precisa entender que as coisas todas devem fazer sentido de alguma maneira Você precisa entender que se por acaso algo não está bem construído estruturado terminado acabado bem feito a culpa é sua A culpa é sempre sua Você pode andar durante anos morando na rua para no fim perceber que a culpa é sua No fim Sempre A culpa Você

Escorre

Escuta

Uma gota

O cenário é um bisturi penetrando na pele

Não

O cenário é a pele. Um bisturi rasga... Não. Corta... Não. Desliza sobre o cenário. O bisturi escuta a gota que escorre de sobre a pele. O bisturi olha para o sangue. Escuta. A câmera grava o bisturi que escuta. A câmera grava todo o procedimento que depois será editado em um vídeo de mais ou menos 15 minutos na versão destruída pelos sites da internet. Não. A câmera escuta. Não. A câmera compacta. Não. A câmera simplesmente... O estômago. O pulmão. Os rins. O pâncreas. O fígado. O apêndice. As vísceras. Meu corpo. Meu rosto. Meu cérebro

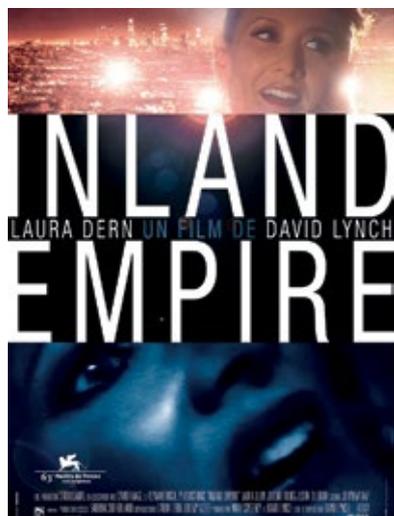
Escorre

Pinga

(Max Reinert é diretor e dramaturgo, Florianópolis / SC. Este trecho foi produzido no Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná, sob a orientação de Roberto Alvim)

O labirinto da montagem

Por Rodrigo Amboni



Eu estou tão deprimido, eu não sei o que estou fazendo, eu não tenho nem ideia do que estou fazendo.

(David Lynch, durante o processo de filmagem de *Inland Empire*.)

Lynch costuma comparar a busca por uma ideia com a pescaria. “Quando se pesca, é preciso ter paciência. Você coloca a isca no anzol e depois espera. O desejo é a isca do anzol que atrai o peixe, ou seja, as ideias.” Para ele, cada peixe, por menor que seja, é o fragmento de uma ideia que atrai ou-

tras, e a junção de todos esses fragmentos faz emergir a ideia completa. “Tudo isso, porém, começa pelo desejo.” A forma como Lynch construiu o seu filme *Inland Empire* é completamente fragmentada e não linear. São conjuntos de ideias em que a primeira delas é “a peça fundamental do quebra-cabeça” que orienta todo o resto. E foi assim que surgiu a ideia para realizar *Inland Empire*, por meio de um encontro casual de Lynch com a atriz Laura Dern. Nesse encontro, ele falou que pensaria numa história para fazer com ela, uma história curta para a internet. Um tempo depois, Lynch apareceu com um monólogo de quatorze páginas, que resultou num material de setenta minutos. Segundo ele, ficou tão bom que ele achou que deveria virar uma película. Desse modo o filme começou: sem saber como terminaria. Sua forma de dirigir e pensar o filme foi a partir do desdobramento de uma ideia, uma forma livre, entregue à intuição e ao improviso.

É a partir da ideia do campo unificado — que seria algo, nas palavras de Lynch, como um oceano infinito onde todas as coisas ali se encontram, um oceano de pura consciência — que ele acreditava que todos os fragmentos de *Inland Empire*, a princípio sem uma conexão direta e racional, iriam se encaixar. Ele sentia que isso aconteceria, porque acreditava cegamente num fluxo inconsciente, numa movimentação interior, numa conexão de seus instintos mais profundos com a ideia inicial. É curioso pensar que, por vias diferentes, diria até que quase opostas, podemos encontrar uma relação estreita entre esse conceito de campo unificado e a apresentação

que escreve Blanchot no seu *O espaço literário*: “um livro, mesmo fragmentário, possui um centro que o atrai: centro esse que não é fixo, mas se desloca pela pressão do livro e pelas circunstâncias de sua composição. Centro fixo também, que se desloca, é verdade, sem deixar de ser o mesmo e tornando-se sempre mais central, mais esquivo, mais incerto,



e mais imperioso”. O campo unificado para Lynch poderia ser esse centro que atrai os fragmentos, mas na verdade é um amplo espaço interior que abriga fragmentos, conecta sensações e transforma a montagem do filme em um gesto.

Em *Inland Empire*, a montagem tem uma forma labiríntica, não como os labirintos planos com os quais estamos acostumados, e sim como labirintos que se estendem tanto na horizontal como na vertical, com diversas camadas, diversos níveis. Nesses labirintos, há uma particularidade ainda maior; neles não existem paredes para separar os limites do real; essas camadas são uma composição de tempos anacrônicos que destroem com a noção do espaço e transformam a pobre realidade narrativa numa hiper-realidade desconstrutiva. Por muitas vezes ele induz o espectador a um entendimento racional, para logo em seguida interromper bruscamente com os sentidos, causando um grande impacto no espectador e ao mesmo tempo prendendo-lhe cada vez mais o olhar, que já se torna desconfiado e assustado, e não mais o olhar ingênuo e despreocupado de quem está acostumado a assistir a um filme com uma narrativa clássica que nos leva aonde esperamos chegar.



Essa interrupção nos sentidos ganha muita força na forma como Lynch a trabalha: é como ver a saída do labirinto, sair correndo e bater contra uma pintura da saída do labirinto desenhada numa parede. Os labirintos de Lynch não têm saída, apenas entradas. Podemos perceber isso com muita intensidade logo nos primeiros minutos do filme, quando uma mulher aparece chorando, enquanto olha para a televisão. Nela, há uma encenação de três personagens com cabeças de coelho. O diálogo entre eles é desconexo, ausente de sentido. Um dos personagens diz ter escutado alguma coisa e entra por uma porta para verificar. No plano seguinte, ele aparece numa ampla sala escura com móveis antigos e luxuosos. Conforme a luz acende, o personagem, com cabeça de coelho, desaparece. Então vemos um rosto fora de foco. Quando o rosto entra em foco, vemos um homem sério e sereno que fala: “procura algo?” O plano vai para outro homem que, ansioso e agitado, responde: “sim”. O outro fala: “quer entrar?”; ele respon-

de: “sim”. O outro pergunta novamente: “quer entrar?”, “sim, uma entrada, entende?”, “perfeitamente”, “ótimo, que sorte que você me entende”. São esses homens enigmáticos que nos convidam a entrar no filme. A partir daí, Lynch constrói uma entrada após a outra, uma ruptura após a outra. As interrupções já não ocorrem somente em meio a sequências claras (como em seus filmes anteriores). Em *Inland Empire* tudo é enigmático, obscuro; são interrupções em meio a fragmentos já interrompidos. Tudo é repleto de mistério e ausência; tudo é ruína, incompleto, imperfeito. Tudo é entrada, nada é saída.

Num ensaio de Ismail Xavier sobre a alegoria no cinema, ele fala a respeito de uma “relação necessária” entre a alegoria e a fragmentação: “a superfície enigmática não nasce do encobrimento de um significado existente, mas é concebida como a expressão da própria natureza da alegoria como um discurso cuja textura é uma manifestação privilegiada da consciência da linguagem”. Lynch trabalha com essa “consciência da linguagem” justamente quando fala sobre o oceano infinito das ideias. A linguagem pode ser entendida como esse oceano, assim como a montagem. Os fragmentos que emergem desse infinito são ruínas, são pequenos sentidos cheios de ausências e histórias, que se deslocam lentamente e geram sensações, dando a possibilidade de inúmeras interpretações, justamente por deixar o sentido em movimento. A forma como o filme foi montado na cabeça de Lynch é um labirinto que vai se construindo a cada passo, em meio a um cenário escuro e vazio; não é à toa que nos deparamos, nos extras do filme, com Lynch dentro do carro falando para algumas pessoas da sua equipe: “eu estou tão deprimido, eu não sei o que estou fazendo, eu não tenho nem ideia do que estou fazendo”.

Em duas passagens do filme, podemos ver esse labirinto se desenhando. Nikki (Laura Dern) e Devon (Justin Theroux) foram escolhidos para ser protagonistas de um filme chamado *On high in blue tomorrows*, aparentemente um filme sobre adultério. No primeiro dia de trabalho, eles se reúnem com

estão protagonizando juntos. Horrorizada, ela entra pela porta e olha para fora através da janela. Ela vê Devon, que não a vê, e volta a gritar chamando-o de Billy, mas ele não escuta. Ela se afasta da janela, tenta abrir a porta que está trancada, volta para a janela e novamente olha para fora, mas ela já não está no estúdio e o que vê lá fora é o quintal de uma casa em um bairro distante. No desdobrar dessa montagem labiríntica, Nikki passa cada vez mais a confundir-se com sua personagem Sue. Essa confusão é trazida até o espectador, que já não sabe mais quando é Sue e quando é Nikki.

A forma como o espaço-tempo é trabalhado na montagem reforça essas camadas. O tempo é elástico e tecido de forma anacrônica. É um tempo interior carregado de memórias, pensamentos, medos e pesadelos que se chocam em um só tempo. A noção de espaço é completamente envolvida por essas camadas, por esses labirintos de tempo anacrônico. Basta o personagem tapar os olhos com as mãos e voltar a destapar, que ele já está em outro lugar e já não é o mesmo personagem. Do estúdio de filmagem em Hollywood para as ruas frias e cobertas por neve de um bairro periférico na Polônia. De uma estrela de cinema a uma prostituta decadente.

Durante todo o filme há muitos mistérios, muitas pistas são deixadas e muitas conexões são feitas, gerando uma tensão no espectador que busca e espera por uma resolução. Mas Lynch joga com o gênero do suspense; os mistérios não são resolvidos, ocorrendo uma quebra das regras. As ausências, que não permitem que o espectador encontre uma saída, derubam a ponte que deveria ligar o mistério a um sentido único e imóvel. Essas ausências dão a forma de um enigma, segundo o conceito de Perinola, à montagem de *Inland Empire*: “o segredo nasce da vontade, não de proteger o mistério e sim de criar um; o enigma obtém sua força da tensão interrogativa que suscita. Diferente do segredo, que se dissolve na sua comunicação, o enigma tem a capacidade de explicar-se simultaneamente em múltiplos registros de sentido, todos igualmente válidos, e abre um espaço intermediário suspenso que não está destinado a ser preenchido”.



o diretor e seu assistente para fazer uma primeira leitura do roteiro. Durante o ensaio, o assistente interrompe dizendo que há um penetra no estúdio. Devon vai ver quem está ali. Ele caminha para os fundos do estúdio. Está escuro; ele escuta passos de uma pessoa correndo e também corre para tentar alcançá-la. Devon volta para o set e comenta que a pessoa desapareceu onde é impossível desaparecer. O filme continua e muito tempo depois, em uma outra passagem, Nikki volta do mercado e entra pela porta dos fundos do estúdio. Ela caminha pelo escuro em direção ao set de filmagem. De repente, ela para e o que vê diante de seus olhos é ela, ao lado de Devon, ensaiando junto ao diretor e seu assistente. A cena se repete do ponto de vista do tal penetra que havia chamado a atenção do assistente. Devon vai olhar quem está ali e Nikki sai correndo pelos corredores. Ela para em frente a uma porta e vê a imagem de seu marido numa janela. Já muito confusa, ela começa a gritar o nome de Billy, personagem de Devon no filme que eles

Nesse espaço, não destinado a ser preenchido, esconde-se, e ao mesmo tempo emerge, a expressão alegórica, gesto da montagem em *Inland Empire*.

Quando o processo de realização ocorre a partir de fragmentos de ideias desconexas, que surgem por meio de intuições que crescem no decorrer dos dias de filmagem e persistem como um pressentimento de que esses fragmentos irão se conectar (pois a ideia brotou de um mesmo desejo, de uma mesma sensação), a montagem passa a ser um gesto, que, como diz Agamben, “continua inexpresso em cada ato de expressão”, e deixa de ser simplesmente uma técnica e um conceito para transformar-se em uma experiência. A experiência da montagem.

(Rodrigo Amboni é cineasta, Florianópolis / SC)

Tradução de Annie Salager por Luiz Horácio

ÁGUAS CLARAS

Feito um mergulhador
ele persegue o poema
deseja simplesmente
o que se esconde em cada palavra
essa sombra que delas emana
trazida da palidez noturna
em camadas luminosas
onde ele pode pressentir
algumas vezes
junto as suas bordas rochosas
certos fulgores inexistentes

A VISITA

Quem bate à porta?
O chão está gretado
e as aves gritam
sobre as pegadas
do vidente
que lhes virou as costas.
Ele não reconhece mais
a alegria
em torno da fogueira
a face do prazer
perdeu a beleza
a exuberância das flores
esqueceu seu motivo
Quem bate
e o que esperar dele?

LAÇOS

Meu sonho desta noite
teria sido um grito de alerta
vindo das florestas urbanas
repletas de calor
e incêndios invisíveis
que brutalmente as queimavam?
Pareciam procurar nelas mesmas uma
canção
que lhes dissesse que,
essas florestas têm pressa
vidas minúsculas esquecidas
desde a infância
vida dos animais
capturadas
pelo curso da história
florestas de vidas solitárias.
Quero fazer perguntas
ao seu ouvido
nós sentados à sombra das dunas
na estação em que os lírios florescem
você me alertará
sobre os perigos do mar
luzes criarão cores
que escorregarão
lentamente entre seus dedos
como a areia fina das ampulhetas, e
o adiado prazer que antecede o nado,
falaremos sobre esse vínculo insubmisso
que nos liga à floresta e segue
da imperfeição de nossas músicas
à inquietude de nossa existência.

ALGUÉM

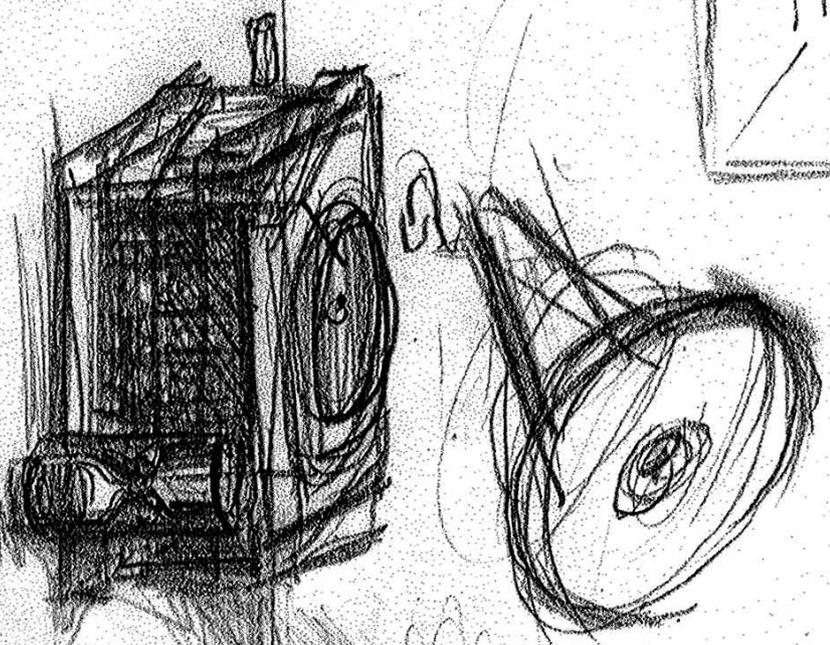
A terna lembrança daquilo que jamais foi a vida
à sombra de alguns mitos
sua infância foi uma permanente brincadeira
Quando seus semelhantes pisotearam
seu coração dia após dia

numa violência desmedida

Mesmo quando foi o humilhado
conseguiu respirar como não acreditava possível

e tropeçando no caos
de suores, angústias e vozes
encheu o peito de música e cores
e seu coração em silêncio
decidiu amá-los sob a humilhação obscura
daquilo que jamais foi a vida

*(Annie Salager é poeta, Lyon / Paris)
(Luiz Horácio é escritor, professor de
Literatura, tradutor e roteirista,
Porto Alegre / RS)*



Padua 2013

(Rodrigo Cunha é artista visual, Florianópolis / SC)

Um papo com Paulo, o do *Catatau*

Por Paulo de Toledo

Caro xará, tudo bem por aí? Veja só o que aconteceu com o teu “inutensílio”: ele agora é *best-seller* e está enchendo o bolso da rapaziada. Tempos esquisitos os nossos. O país se comove com a Jolie e seus peitos, mas trata como se fosse algo banal o incêndio de ônibus por facções criminosas. Temos as menores taxas de desemprego da história, mas milhares de crianças continuam a frequentar os sinais vermelhos de nossas cidades, sujeitas, as crianças, a todo tipo de violência. E um dos principais assuntos entre nossa classe média é a diminuição da maioridade penal! Xará, ninguém lê poesia neste país, e, quando o teu livro vende pacas, a gente senta a púa em ti. Mas, relaxa, tu mesmo sabe que a tua poesia tem muitos altos e baixos (esses baixos mais altos do que a maior parte dos altos daqueles que estão publicando hoje; é bom que se diga), e acredito que o sucesso do teu livro, no fim das contas, é algo bom para a POESIA. Se muita gente vai te imitar depois de ler teu livro (o que tem de Manoel de Barros por aí...), fazer o quê? Da quantidade, far-se-á a qualidade, já diziam os alemães.

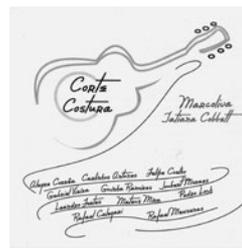
Então, xará, diante disso tudo, de um mundo em que a tua poesia “bomba” (lembrei do Augusto) nas livrarias, um mundo que para por causa dos peitos da Jolie e onde o Brasil quer meter a molecada na cadeia, que poesia escrever? Que poesia seria a mais adequada para estes tempos pré-Copa do Mundo? Sobre o que escrever? Pra que escrever? Xará, vou ser bem sincero contigo: estou mais perdido que GPS do Paraguai. Mas, às vezes, esses perdidos são um achado, né não? Diante de tantas incertezas, caminhar no escuro até tropeçar numa pedra de toque seria a única maneira de fazer poesia HOJE? Brincar com o próprio umbigo, por ele estar sempre ali, no mesmo lugar, mesmo que coberto por algumas gordurinhas, seria outra boa opção pros poetas? E o Brasil, sabem os poetas onde ele fica? Os brasileiros são os outros? E como fazer HOJE um poema que rivalize com o maravilhoso *O som ao redor*? Trocaremos Caetano por Lobão? Triste idiotia!

Caríssimo xará, quem quer saber de torre de marfim, quando o melhor pro marketing pessoal é sair por aí falando poemas nos vários eventos literários espalhados pelo país? Muitos deles realizados com a bênção de São Rouanet! O sujeito para com o carro em cima da faixa de pedestre, atravessa a rua e entra num sarau de poesia. Qual é o nome do poeta? O estado patrocina o sarau e a Livraria Cultura monta uma banquinha de livros. Qual é o nome do poema? Xará, a coisa está deveras complicada. A Daniela Mercury saiu do armário, o país todo ficou sabendo, mas todo dia homossexuais são agredidos no Brasil e quase ninguém fica sabendo, e alguns daqueles poucos que ficam sabendo frequentam saraus e compram (o teu bigodão!) naquela banquinha de livros.

Xará, tu tinhas que estar por aqui pra assistir *O som ao redor*. Poesia? O que tem de bom? De novo? Pergunta lá no Posto Ipiranga. Acaba de sair um número especial do Suplemento Literário de Minas Gerais, no qual poetas contemporâneos brasileiros, eleitos pelo SLMG, selecionaram os melhores poemas também de poetas contemporâneos brasileiros. Ou seja, é só passar no Posto Ipiranga, ops!, no SLMG, que lá se encontram os poetas brasileiros contemporâneos mais significativos. Mano xará, sei que pareço meio chatão, meio rancoroso; parece até que nada presta neste país abençoado por Eike e bonito por natureza, mas não é nada disso. Eu sou otimista. Temos *O som ao redor* e muita gente fazendo poesia (e, no facebook, o Manoel de Barros é onipresente!). A gente só precisa que todos esses poetas comecem a ler a poesia alheia (e não só a do seu círculo de amigos) e a pensar a poesia que estão fazendo. Só isso.

Resumindo, a ópera bufa: o país está infantilizado, mais individualista e brutalizado do que nunca, mas a gente continua fazendo poemas — inúteis inutilidades? — como quem lança garrafas num aquário, que está ali, no meio da sala de jantar, ignorado pela família que, depois do zero a zero sonolento com o Galvão, se prepara para as grotescas videocassetadas.

(Paulo de Toledo é poeta, São Paulo / SP)



Corte Costura é o quarto disco na carreira do duo Tatiana Cobbett e Marcoliva. O trabalho buscou arranjos especiais para cordas. O disco foi o primeiro a ser gravado no formato de oficina, no Oficina Art, do músico e compositor Alegre Corrêa. Durante quatro dias, o estúdio foi compartilhado com diversos músicos especialistas em cordas, entre eles, Carlinhos Antunes, Leandro Fortes, Alegre Corrêa, Rafael Calegari, Felipe Coelho, Guinha Ramires e Gabriel Vieira.



Casa da Ginga é um grupo que se notabiliza por composições poético-musicais inéditas. É constituído por pessoas de diferentes formações e trajetórias, mas que tem em comum a música, a poesia e a criatividade. Os músicos Angelita Mariza, Daniel Scopel, Gilberto Borges, Janaina Canova, Jéferson Dantas e Pablo Mizraji acabam de lançar o CD *A cada manhã*. O disco apresenta um repertório condizendo com a proposta de aproximar, ao máximo, a música da poesia. Juntos desde 2006, *A cada manhã* é a primeira gravação da trupe.



Conversas com curadores e críticos de arte, de Renato Rezende e Guilherme Bueno, procura compreender como, já num cenário contemporâneo, toda uma nova geração de críticos e curadores brasileiros foi formada. Para investigar a atuação e a função desses críticos-curadores, foram realizadas entrevistas com Felipe Scovino, Marcelo Campos, Daniela Labra, Clarissa Diniz, Marisa Florido César, Bitu Cassundé, Fernanda Lopes, Sergio Martins, Luisa Duarte, Cauê Alves, Cristiana Tejo, Gabriela Motta, Orlando Maneschy e Janaína Melo. Para os autores, “a motivação do livro foi reiterar a existência de um pensamento articulado e original nas artes visuais, refutando, assim, clichês de ausência de critérios”.



Um encontro é o novo livro de ensaios do escritor Milan Kundera. Nele, o romancista nos apresenta novas leituras dos quadros de Francis Bacon, da música de Beethoven e de Schönberg ou do cinema de Fellini. Romances como *O idiota*, de Dostoiévski, *De castelo em castelo*, de Céline, *O professor do desejo*, de Philip Roth e *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, ajudam a compor esse mosaico de reflexões estéticas e existenciais. Sensível, elegante e provocativo, Kundera oferece, em *Um encontro*, um precioso documento de suas afinidades com os maiores nomes da tradição moderna na Europa e no mundo.